

BIBLIOGRAFIA

PETER FRY E OUTROS: *Caminhos Cruzados — Linguagem, Antropologia e Ciências Naturais*. São Paulo, Editora Brasiliense S/A, 1982 (126 p.)

A Cultura dita as regras, traça os caminhos, amaldiçoa os desvios. Faz isso sempre, incansavelmente, e os períodos históricos de qualquer sociedade complexa estão prenhes de exemplos de como esse fazer requer vigoroso empenho.

Sabedora de que a quebra das normas aproxima-nos perigosamente da Natureza, ameaçando assim a continuidade da vida social, a Cultura impõe seus limites: aqui o normal, lá o marginal. Mais ainda, define também o natural, segundo suas conveniências.

De acordo com a época, classes sociais e etnias, ao sabor das flutuações do poder, variam as classificações: tipos sociais "aberrantes" são concebidos ora pela Literatura, ora pelo saber da Ciência, ora pelo agir da Justiça. Criados assim os espíritos, parte-se então à procura de corpos que receberão tais estigmas. Nascem desse modo os loucos, os sádicos, os fanáticos, os marginais em geral. E todos passam a ter em comum a função de mostrar aos demais as marcas colhidas ao longo de percursos por obscuros desvios.

Duvidam? Aí estão romances, tratados, processos, obras de psiquiatria, de criminologia e de medicina legal que não me deixam mentir. Ou melhor, que não os deixam mentir, os autores de *Caminhos Cruzados*: Peter Fry, Carlos Vogt, Gilberto Velho, Mariza Corrêa, Alexandre Eulálio, Edward MacRae, Marcio D'Olne Campos e Berta Waldman.

Coletânea de textos produzidos a partir de trabalhos que tiveram lugar durante a 34ª Reunião da SBPC, este livro nos põe em contato com acontecimentos dramáticos,

verídicos ou fictícios, todos humanos em sua realidade. No mesmo nível de rigor analítico encontramos, por exemplo, a identificação da noção de "desvio" no texto teatral de Nelson Rodrigues, bem como o acompanhamento da criação de estigmas e de sua justificação ideológica através do discurso frio e pretensamente neutro do saber que se constitui com a Medicina Legal entre nós. Por outro lado, o drama do estigmatizado pode se revelar tanto nas páginas de um romance realista (*O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo), quanto nos autos do processo criminal-psiquiátrico que terminou por excluir Febrônio Índio do Brasil do convívio com os "normais".

Em "O dizer e o fazer da linguagem" são investigadas as manifestações da nacionalidade e de nacionalismo obtuso em diversos momentos da evolução da língua "pátria". Sim, porque a linguagem é uma forma de representação, uma ideologia (pág. 13). As fronteiras lingüísticas delimitam também as fronteiras que separam a suspeição etnocêntrica do acolhimento fraterno.

Mas o saber dos homens não é só erudito. É também mágico e empírico: na Ilha dos Búzios, garantem os informantes, o sol reproduz regularmente seus movimentos, e nada parece abalar a convicção de que possa haver outro sistema que não o geocêntrico.

Refletir sobre a Cultura, portanto, é pensá-la em sua diversidade, considerando a riqueza e a pluralidade de suas manifestações. É o que realiza *Caminhos Cruzados*, conduzindo-nos através do surpreendente universo do simbólico, iluminando os "desvios".

Renato da Silva Queiroz

*

MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ: *História do Cangaço*. São Paulo, Editora Global, 1982 (Série História Popular nº 11). 75 p.

Num volume pequeno, de setenta e cinco páginas, Maria Isaura consegue tratar do fenômeno do cangaço de forma simples, direta, mas com grande rigor metodológico. Preliminarmente, na "Conversa com o Autor", ela nega que o cangaço tivesse sido um movimento social, por lhe ter faltado "consciência dos problemas vividos numa estrutura sócio-econômica e política injusta". A seguir, passa a historiar o surgimento do cangaço, circunscrevendo-o à região do chamado Nordeste seco.

Duas formas sucessivas de manifestação desse fenômeno são assinaladas: "O cangaço subordinado aos fazendeiros" e o "cangaço independente". A primeira manifesta-se no momento mais recuado em que se registra o termo "cangaço" — o ano de 1834 — e persiste até o final do Império. Apresenta-se intimamente vinculada à ação das facções políticas locais em que se desdobravam os dois partidos da época: o Conservador e o Liberal. Isso ocorria porque disputas e desentendimentos entre famílias